

As palavras da minha admiração pelo Professor
Henrique Bicha Castelo

É um prazer estar nesta Aula Magna da Faculdade de Medicina, num dia em que tudo nos reúne à volta do Professor Henrique Bicha Castelo.

Nós somos as palavras. As palavras que dizemos e as que deixamos por dizer. As palavras que andam connosco, que fazem parte de nós.

Há palavras que nos juntam e que nos separam, que nos conduzem, que nos antecedem e nos ultrapassam, que nos fazem viver.

Sem palavras não seria possível estarmos aqui, hoje, não conseguiríamos dizer ao Professor Henrique Bicha Castelo toda a admiração que temos por ele, pela forma como está sempre connosco, na universidade e para além dela:

*que a vida não é outra
senão a que fazemos
(e a vida é uma só,
pois jamais voltaremos).*

– Alexandre O’Neill –

Todos sabem a admiração imensa que tenho pelo Prof. Henrique Bicha Castelo, pela sua acção, pelo seu trabalho, pela sua presença na Academia.

Sempre uma palavra, uma crítica, uma ideia, um projecto, uma inquietação, uma vontade... sempre o desejo de estar presente e de ajudar a construir uma universidade inteira, intrometida na vida, comprometida com as energias mais dinâmicas do nosso país.

A lição jubilar do Professor Henrique Bicha Castelo fez-me recordar um dos contos mais extraordinários da literatura portuguesa, O cabeça de boga, de Vitorino Nemésio.

Nesse terrível exame da 4.ª classe, o Mateus, de famílias ricas, ficou logo “distinto”. Já o seu amigo, o Abílio, escapou por muito pouco à raposa. Conta o Mateus:

2

Estávamos todos mais ou menos vexados; só o Abílio deixou de chorar.

Não se sabia bem se por escapar à raposa, se por qualquer outra coisa. Num ímpeto de todo o seu ser atirou-me os braços e disse-me:

– Ó Mateus, ainda bem!

E foi nos olhos dele que eu me senti distinto.

Quero dizer-lhe, Professor Henrique Bicha Castelo, com a mesma emoção do Abílio, que é nos seus olhos, na sua vida, que nos sentimos distintos.

Porque numa universidade não há distinção maior do que aquela que sentimos na distinção dos nossos

melhores professores, dos nossos melhores estudantes.

Prezado Professor, Meu bom amigo

A sua história, o seu percurso, honra-nos e distingue-nos. E, por isso, quero atribuir-lhe a medalha de honra da Universidade de Lisboa.

E, ao fazê-lo, sei que as palavras já não chegam. Ou, melhor dizendo, sei que se transformam em silêncio.

Porque o silêncio é a palavra mais difícil de escrever.

Porque neste meu silêncio reúnem-se todas as cores, todos os sons, todas as palavras que foram inventadas para lhe dizer a nossa *admiração* e para lhe manifestar o nosso *reconhecimento*.

É então que a palavra fica suspensa num gesto, num olhar, num sorriso, num abraço... um abraço inteiro.

É esse abraço, de enorme gratidão, que lhe quero dar, e nele, com ele, vão todas as palavras que sei e todas aquelas que aprendi como Reitor e que agora lhe deixo em nome da sua Universidade, em nome da nossa Universidade.

*António Sampaio da Nóvoa
Lisboa, 20 de Fevereiro de 2013*